

(DES)CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DAS UNIDADES DE PAISAGEM NO CÓRREGO DO GAMBÁ EM CUIABÁ-MT (SESSÃO TEMÁTICA 6)

Jennifer Abreu Santos

Universidade Federal De Mato Grosso | jenniferabreu493@gmail.com

João Victor Barbosa Gonçalves da Silva

Universidade Federal De Mato Grosso | joaovictorbarbosa.arq@gmail.com

Natalia Cruz Fernandes

Universidade Federal De Mato Grosso | naty-1209@hotmail.com

Hugo Kamiya Tsutsui

Universidade Federal De Mato Grosso | hugo.kamiya@gmail.com

Katia Atsumi Nakayama

Universidade Federal De Mato Grosso | nakayama.katia@gmail.com

Sessão Temática 6: Natureza, crise ambiental e mudanças climáticas

Resumo: Os córregos e rios são importantes elementos na estruturação da paisagem urbana, embora sejam frequentemente negligenciados pelo planejamento urbano e setorial. Este é o caso do Córrego do Gambá em Cuiabá-MT. Com o objetivo de caracterizar as diferentes Unidades de Paisagem ao longo do Córrego do Gambá, este trabalho analisou o processo de urbanização das suas margens, entre as décadas de 1950 e 2020, assim como as relações hidrossociais - entre o corpo d'água e a sociedade. Por meio de análise dos espaços livres e edificados, e das percepções dos moradores das áreas adjacentes ao Córrego, foram identificadas seis Unidades de Paisagem. A identificação dessas Unidades considerou aspectos objetivos e subjetivos, empregando levantamento histórico-documental, entrevistas e observação sistemática. Os resultados evidenciam a descaracterização socioambiental da paisagem, além da progressiva perda de identidade dos moradores com o processo de urbanização e degradação do Córrego.

Palavras-chave: Córrego Urbano; Unidade de Paisagem; Morfologia Urbana; Relações Hidrossociais; Ordenamento Territorial.

(DE)CHARACTERIZATION OF SOCIO-ENVIRONMENTAL ASPECTS OF LANDSCAPE UNITS IN THE GAMBÁ STREAM, CUIABÁ-MT

Abstract: Streams and rivers are important elements in the structuring of the urban landscape, although they are often neglected by urban and sectoral planning. This is the case of the Gambá Stream in Cuiabá-MT. With the aim of characterizing the different Landscape Units along the Gambá Stream, this study analyzed the process of urbanization of its banks between the 1950s and 2020, as well as the hydrosocial relations—between the water body and society. Through the analysis of open and built spaces, and the perceptions of residents in the areas adjacent to the Stream, six Landscape Units were identified. The identification of these Units considered both objective and subjective aspects, using historical-documentary research, interviews, and systematic observation. The results highlight the socio-environmental decharacterization of the landscape, as well as the progressive loss of identity among residents due to the urbanization process and the degradation of the Stream.

Keywords: Urban Stream; Landscape Unit; Urban Morphology; Hydrosocial Relations; Territorial Planning

(DES)CARACTERIZACIÓN SOCIOAMBIENTAL DE LAS UNIDADES DE PAISAJE EN EL ARROYO GAMBÁ, CUIABÁ-MT

Resumen: Los arroyos y ríos son elementos importantes en la estructuración del paisaje urbano, aunque a menudo son descuidados por la planificación urbana y sectorial. Este es el caso del Arroyo Gambá en Cuiabá-MT. Con el objetivo de caracterizar las diferentes Unidades de Paisaje a lo largo del Arroyo Gambá, este trabajo analizó el proceso de urbanización de sus márgenes entre las décadas de 1950 y 2020, así como las relaciones hidrosociales, entre el cuerpo de agua y la sociedad. A través del análisis de los espacios libres y edificados, y las percepciones de los residentes de las áreas adyacentes al arroyo, se identificaron seis Unidades de Paisaje. La identificación de estas Unidades consideró aspectos objetivos y subjetivos, utilizando una investigación histórico-documental, entrevistas y observación sistemática. Los resultados destacan la desnaturalización socioambiental del paisaje, así como la pérdida progresiva de la identidad de los residentes debido al proceso de urbanización y degradación del arroyo.

Palabras clave: Arroyo Urbano; Unidad de Paisaje; Morfología Urbana; Relaciones Hidrosociales; Ordenamiento Territorial.

INTRODUÇÃO

A relação entre o rio e a cidade se deu de maneiras diversas ao longo da história. Em alguns casos, a cidade surge vinculada aos benefícios do rio, por questões econômicas – agricultura, mineração, por exemplo –, acesso à água, transporte fluvial, entre outros motivos. Assim como o rio condiciona à sociedade sua dinâmica de sazonalidade naturais, como as cheias, inundações, secas, etc. Dessa forma, o rio é um importante elemento na estruturação da paisagem urbana e suas relações, com aproximações e antagonismos sucessivos que materializam-se de distintas formas nas diversas culturas e localidades (Baptista; Cardoso, 2013).

A paisagem urbana enquanto processo e produto da interação entre a natureza e as ações da sociedade, é fortemente afetada pelas intervenções de urbanização realizadas pelo Estado. O município de Cuiabá, Mato Grosso, passou por uma série de ações e políticas públicas, em diferentes instâncias, em que, via de regra, desconsideravam a paisagem e privilegiavam o modelo higienista e rodoviarista de urbanização. Esta maneira de pensar a gestão e o planejamento do território, levou a uma série de intervenções nos rios e córregos da cidade, como a canalização, tamponamento e retificação desses corpos d'água – ignorando a paisagem e as relações hidrossociais¹ preexistentes nesses espaços.

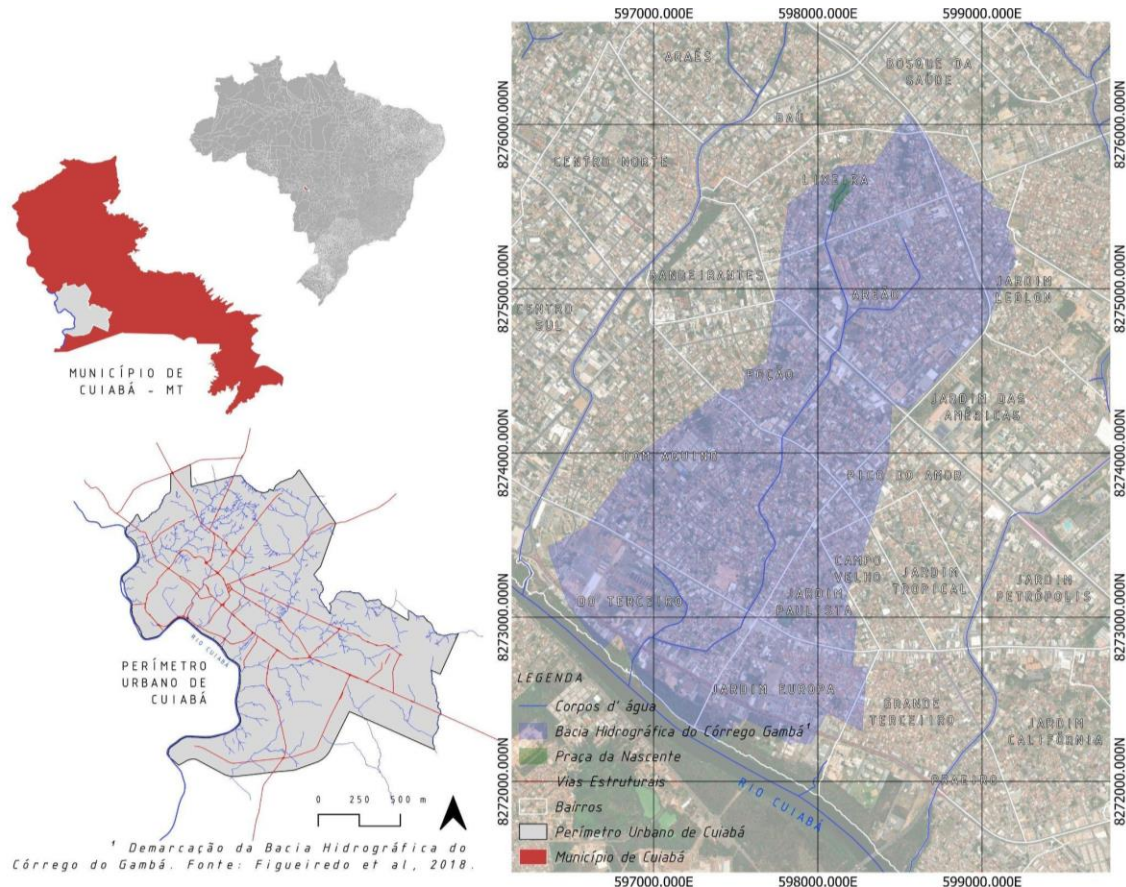
O crescimento urbano acelerado de Cuiabá, sobretudo a partir da década de 1970, gerou uma série de pressões sócio-espaciais, desde a expansão do perímetro urbano (alinhada aos interesses imobiliários), assim como as demandas por moradia, promovendo distintas formas de ocupação do território – formal e informal –, de acordo com as diferentes realidades socioeconômicas. Destarte, algumas das formas de acesso à moradia da população de menor renda foi por meio da ocupação das margens dos corpos d'água, áreas reservadas em projetos de parcelamento do solo para fins institucionais, áreas verdes e áreas de proteção ambiental (Canavarros, 2016).

Com a consolidação da ocupação irregular dessas áreas, gerando demanda por melhorias da infraestrutura e regularização fundiária, as paisagens vinculadas aos corpos d'água foram drasticamente modificadas ao longo do tempo. Este é o caso do Córrego do Gambá, objeto deste estudo. Trata-se de um dos afluentes do Rio Cuiabá e sua extensão abrange os bairros

¹ De acordo com Empinotti et al. (2021, p. 181), a leitura hidrossocial considera as manifestações sociais e territoriais a partir da água e suas relações, por meio da triangulação entre materialidade da água, o território e fluxos de poder. O termo hidrossocial tem origem na concepção de ciclo hidrossocial, proposto por Linton e Budds (2014), contrapondo a ideia corrente de ciclo hidrológico nos estudos sobre água – em que o ciclo não abarca a influência das ações humanas e outras agências.

Da Lixeira, Do Areão, Poção, Dom Aquino e Do Terceiro. Atualmente sua nascente está localizada na Praça das Lavadeiras Dona Palmira Pereira Dias, no Bairro Lixeira. A Figura 01 apresenta a localização do Córrego do Gambá.

Figura 1: Localização da Bacia Hidrográfica do Córrego do Gambá



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do IBGE e Figueiredo (2018).

Na década de 1980, o Córrego do Gambá passou por um intenso processo de descaracterização da sua Área de Preservação Permanente (APP), decorrente de ocupações lindeiras ao corpo d' água, além da sua canalização por intervenções do Estado. De acordo com Assumpção e Marçal (2012), a canalização e retificação dos rios e córregos são processos em que estes são modificados artificialmente, alterando sua forma por meio do aprofundamento e/ou alargamento da calha fluvial, podendo, no caso das retificações, ter seus meandros retirados. Segundo os autores, embora existam benefícios para as regiões onde essas obras são realizadas, há inúmeros impactos negativos sobre os sistemas fluviais, como:

a modificação no comportamento natural do rio, como a perda de sinuosidade do canal, modificações no padrão de drenagem, alterações no regime de descargas, no padrão de escoamento, na velocidade de fluxos, elevação dos picos de descargas nos tributários, bem como o aumento da carga de sedimentos, diminuição da rugosidade do leito, aumento da

erosão nos afluentes, ocasionado pelo abaixamento do nível de base, além da perda ou destruição de *habitats* naturais, da mata ciliar e de mangues, entre outros impactos (p. 20).

Historicamente, desde as primeiras ocupações urbanas, já havia uma forte relação entre o rio e a estratificação social, em que as áreas baixas, sujeitas às inundações e local de acúmulo de resíduos, eram ocupadas pelas populações pobres (Baptista; Cardoso, 2013). No atual contexto urbano brasileiro, essa lógica continua a se reproduzir, visto que a ocupação dessas áreas de margens, muitas vezes caracterizadas como áreas de risco, representam uma das poucas alternativas de acesso à moradia pela população de menor renda – como é o caso do Córrego do Gambá.

Somam-se a ocupação irregular, as precariedades habitacionais, os riscos de inundação – sobretudo nas áreas mais baixas, à jusante do Córrego do Gambá –, supressão das APPs, a falta de infraestrutura de saneamento básico nas áreas do seu entorno, resultando no despejo irregular de esgoto e resíduos sólidos no Córrego e das áreas adjacentes, além da percepção negativa, por parte dos moradores, em relação a atual condição do corpo d'água.

Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo analisar o processo de ocupação do Córrego do Gambá, entre as décadas de 1950 e 2020², e observar as relações e transformações sócio-espaciais entre espaço-livre e edificado, bem como investigar mudanças de significado e de percepção do Córrego pelos moradores das áreas lindeiras, caracterizando as diferentes Unidades de Paisagem (UPs) ao longo de sua margem.

Os córregos e rios são elementos estruturadores da paisagem urbana e integrantes do Sistema de Espaço Livre (SEL). Sendo assim, este trabalho utiliza fundamentos da morfologia urbana para leitura e análise das UPs, identificadas ao longo do curso d'água, por meio de um retrospecto histórico-documental e entrevistas com moradores realizadas na observação sistemática em campo. A escolha desses métodos se fundamenta na compreensão de que a paisagem se constitui pela articulação entre objetividades e subjetividades (Lima; Ragonha; Schenk, 2023), dessa forma, consideram-se os aspectos materiais e físicos, assim como as percepções e as memórias dos moradores dessa região.

O artigo está dividido em três partes. A primeira se refere ao registro da série histórica entre os anos de 1950 e o contexto atual do Córrego do Gambá em Cuiabá-MT. A segunda parte

² O recorte temporal engloba o momento de crescimento populacional e urbano de Cuiabá – resultado do processo de urbanização, políticas desenvolvimentistas e regionais de expansão territorial no Centro-Oeste e da Região Amazônica – e as principais mudanças sócio-espaciais que influenciaram a atual dinâmica territorial. Além disso, é a partir desse período que ocorre a ocupação e urbanização da microbacia do Córrego do Gambá.

apresenta as unidades de paisagens a partir das análises morfológicas associadas à visita de campo e entrevistas realizadas pelos pesquisadores e, por fim, são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

PROCESSO DE OCUPAÇÃO E URBANIZAÇÃO DA BACIA DO CÓRREGO DO GAMBÁ

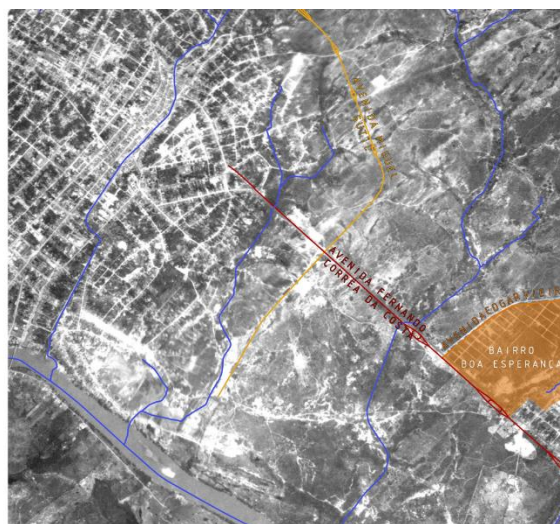
O núcleo urbano de Cuiabá, com sua origem no século XVII, surge a partir da atividade de mineração, às margens do Córrego da Prainha (atualmente se encontra canalizado e tamponado), afluente do Rio Cuiabá. Naquele momento, ambos corpos d'água eram utilizados para acesso e transporte (Freire, 1997), evidenciando a importância destes no processo de ocupação e estruturação do território.

Embora a ocupação seja antiga, o processo de urbanização no estado do Mato Grosso se intensificou apenas a partir da segunda metade do século XX (Azevedo, 2006). Em Cuiabá, nesse período, houve uma série de obras públicas, como abertura de novas avenidas e construções públicas como o Grande Hotel, Cine-Teatro, Cadeia Pública, entre outros, que refletiam as políticas de desenvolvimento de diferentes esferas (federais, estaduais, municipais), como destacado por Júlio de Lamônica Freire (1997, p. 115):

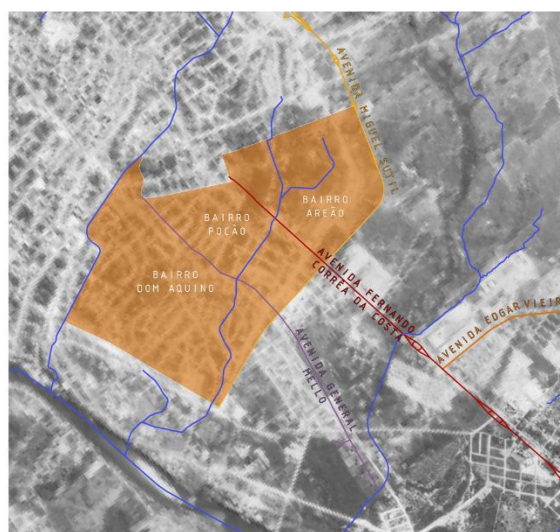
A conquista do Centro-Oeste e da Amazônia, ponto central dos sonhos triunfalistas do Presidente Vargas, trouxeram Mato Grosso ao cenário político da República Nova, valendo-lhe, juntamente com o prestígio de Filinto Müller, personagem estratégico na sustentação da ditadura, um passaporte para obtenção de recursos federais de investimentos. Os recursos financeiros públicos foram utilizados na construção de novos edifícios, redirecionando o crescimento da cidade, de modo a incorporar novas áreas de mais fácil apropriação.

Dessa forma, buscando compreender a ocupação e urbanização do entorno do Córrego do Gambá, foram agrupadas as imagens aéreas no período entre as décadas de 1950 e 2020. Além das imagens, a análise do processo de urbanização elencou os principais elementos e ações da sociedade, em especial do Estado, que influenciaram este processo.

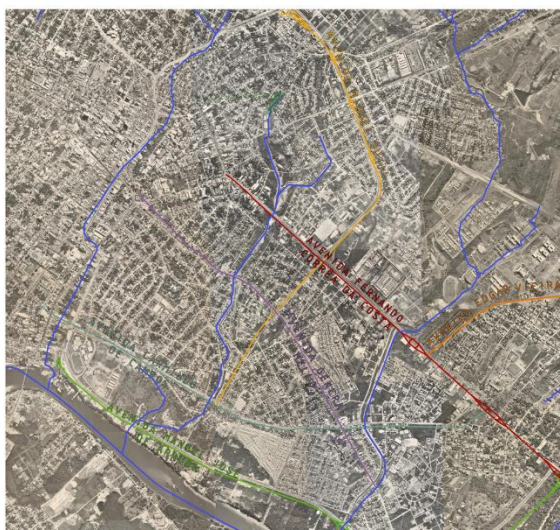
Figura 2: Histórico de ocupação da Bacia do Córrego do Gambá nas décadas de 1950-1980, Cuiabá-MT



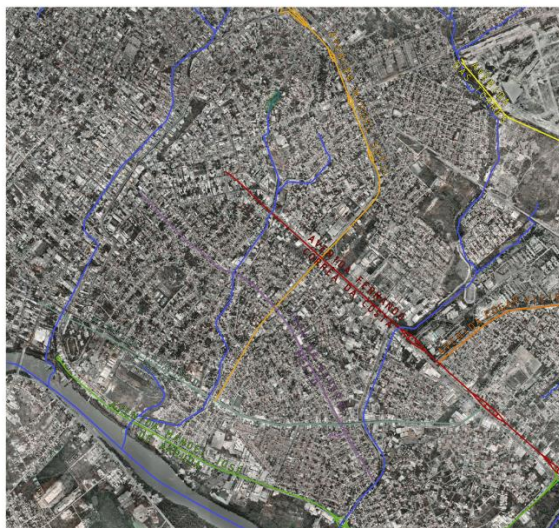
DÉCADA DE 1950



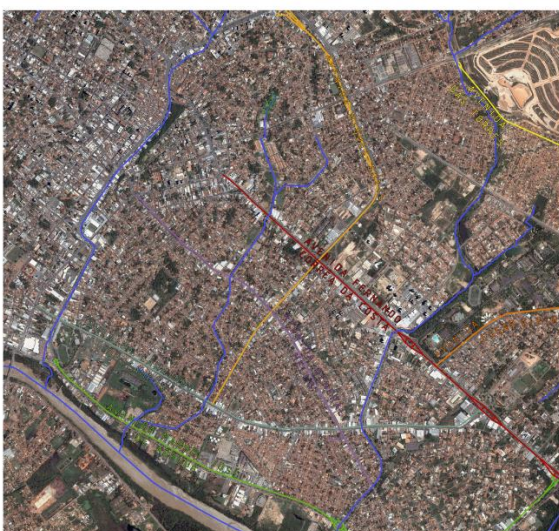
DÉCADA DE 1970



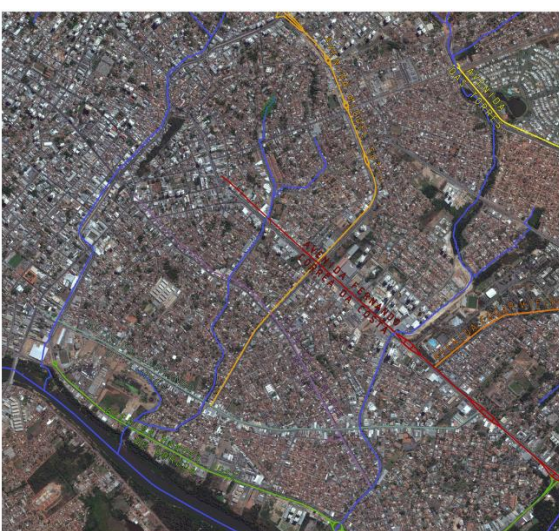
DÉCADA DE 1980



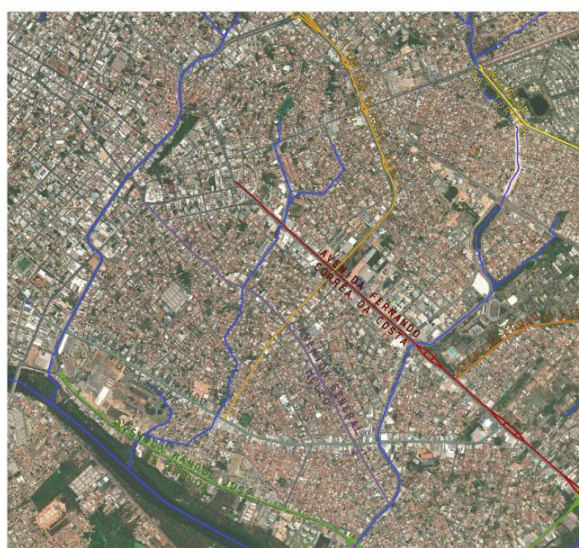
DÉCADA DE 1990



DÉCADA DE 2000



DÉCADA DE 2010



DÉCADA DE 2020



Fonte: Google Earth. Intervenção pelos autores.

Nesse contexto de crescimento urbano, é possível ver em imagens aéreas da década de 1950, alguns desses efeitos na escala intraurbana, como o crescimento descontínuo da mancha urbana, fragmentada do núcleo histórico de Cuiabá. Nesse período, já havia arruamento no atual Bairro Boa Esperança, na Região Administrativa Sul, limítrofe à área da atual Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). O Córrego do Gambá, no interstício entre as duas manchas urbanas, passou a sofrer pressão por ocupação do seu entorno ao longo do tempo, preenchendo a lacuna decorrente da fragmentação do tecido urbano em direção às áreas periféricas da cidade.

A partir da década de 1960, houve um processo de articulação do Governo Federal para integração e intensificação dos fluxos para o interior do Brasil até a Amazônia. Entre os

programas desenvolvidos, destaca-se o Plano de Desenvolvimento Econômico-Social do Centro-Oeste (PLADESCO), que definiu uma rede rodoviária com 3 tipos de sistema: o sistema de penetração, sistema de apoio e sistema alimentador. A implementação da BR-364 (popularmente conhecida como Avenida Fernando Corrêa da Costa) como um sistema de apoio, atuou como um vetor de penetração e crescimento em Cuiabá, induzindo a descentralização da área setecentista, anteriormente nas imediações da perimetral (Avenida Miguel Sutil), para a Região Sul do município (Abreu, 2001).

Nesse período, iniciou-se um adensamento rápido e heterogêneo pela população em torno da Avenida Fernando Corrêa da Costa, levando a um processo de descentralização, com o surgimento de centros emergentes - em razão da necessidade de bens e serviços próximos às novas áreas residenciais. Dessa forma, "A pressão demográfica sobre a cidade provoca um processo de adensamento da mancha urbana em direção à periferia das áreas incorporadas, de ocupação rarefeita, estimula o processo de expansão, pela apropriação de espaços intermediários" (Freire, 1997, p.149).

Outro eixo importante de crescimento e adensamento, implantado em 1967, foi a Avenida Miguel Sutil, pensada inicialmente como via perimetral da cidade (Alves, 2013). Observa-se que, na imagem aérea de 1970, a malha viária se consolida no seu entorno, sobretudo na região da Dom Aquino, com um traçado irregular e orgânico.

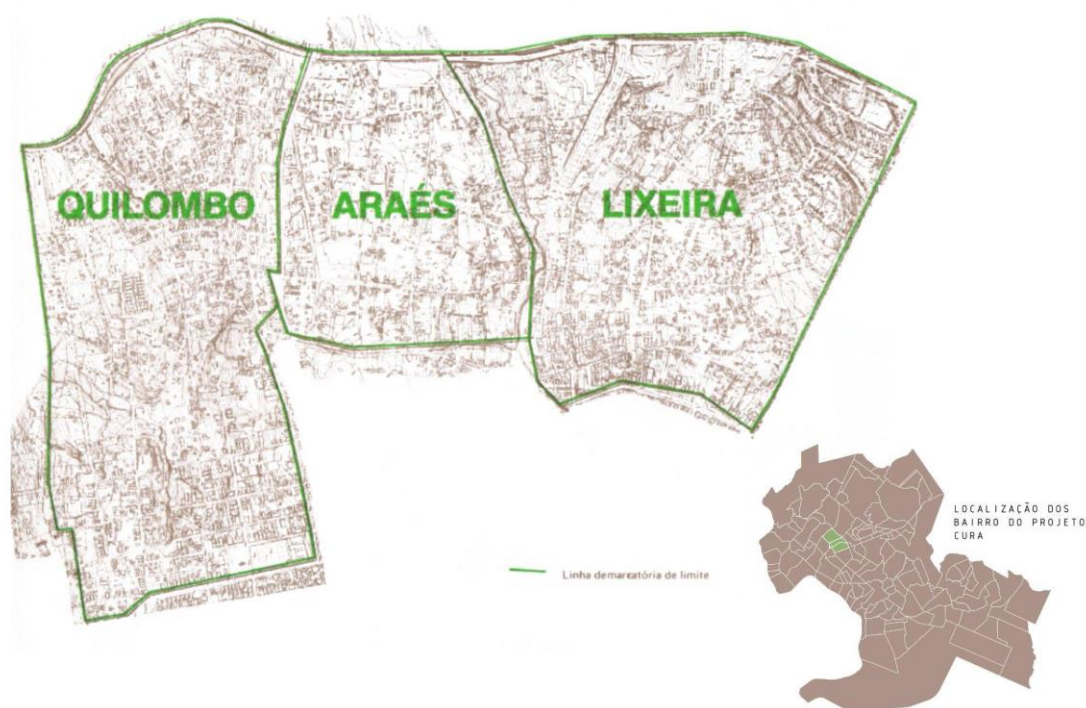
As vias são linhas de crescimento importantes à análise urbana, além disso, elas podem, também, exercer a função de barreira ou delimitação (Panerai, 2006). Na região do Córrego do Gambá, entre 1960 e 1970, surgem novos bairros entre os limites das principais vias, como é o caso dos bairros Dom Aquino, Poção e Areão. De acordo com Freire (1992, p. 63), essa separação dificultou a criação de um senso de identidade:

Como uma "ainda" rodovia, ao invés de servir de fator estruturante do bairro, seu trânsito e a inexistência de um tratamento urbanístico adequado, acabou por transformá-la num divisor que promove o seccionamento da sua área de domínio. Isso dificulta a estruturação da área num bairro, fazendo com que se estabeleça duas redes de vizinhança paralelas, ao longo de suas margens. E a estruturação do bairro depende da interação dessas duas redes de vizinhança, pois as características dessa zona urbana não têm peso suficiente para estimular o aparecimento de dois centros de bairro.

Outro fato importante foi a criação do Centro Político-Administrativo (CPA) pelo Governo Estadual na Região Norte de Cuiabá em 1971, voltado à organização e implantação de órgãos públicos com custo mais barato devido ao preço dos terrenos (Freire, 1997). A implantação dessa área também se caracteriza pela fragmentação do tecido urbano, tornando um novo eixo de indução ao crescimento.

Com o espraiamento da urbanização, os antigos bairros, que outrora foram considerados periféricos, também passaram a receber atenção do poder público, com propostas de requalificação urbana. Este é o caso do Projeto Cura (Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada), que abrangia os bairros Araés, Lixeira e Quilombo que, segundo Freire (1997, p. 148), “[...] pretendiam melhorar a qualidade de vida da sua população [...] a população original tende a ser gradativamente expropriada do espaço, pela pressão econômica decorrente da valorização do solo”.

Figura 3: Área do Projeto Cura no município de Cuiabá-MT



Fonte: Proplasa Projetos e Planejamento LTDA. Intervenção pelos autores.

O projeto abarcou áreas estratégicas entre o pólo do centro da cidade e o do CPA, que incluíam Duque de Caxias, Areão (integrados posteriormente no Plano de Complementação Urbana), Quilombo, Lixeira e Araés. A área inicial para o projeto piloto foi o Araés, sendo executado também no Lixeira e Quilombo. Entre as obras de infraestrutura, foram canalizados dois córregos - Córrego General e Córrego Sargento - para implantação de um parque linear; além disso, outros córregos sofreram influência das obras de macrodrenagem, entre eles, a canalização do Córrego do Gambá, localizado próximo à área do Projeto Cura.

Na década de 1980, é possível observar que o Projeto Cura, somado a outros fatores, intensificou o processo de ocupação dos bairros Lixeira, Quilombo e Araés. Antes das

intervenções, estes bairros se caracterizavam por diferentes graus de adensamento e eram predominantemente residenciais (IPDU, 1992). Na década de 1980, é possível notar que as margens do Córrego do Gambá passaram a ser ocupadas com maior intensidade, sobretudo no trecho entre a Avenida General Mello e a Avenida Carmino de Campos, no bairro Dom Aquino. Já na região próxima à nascente, nota-se a manutenção dos espaços-livres no entorno do corpo d'água.

Outra consequência das obras de infraestrutura foi a especulação imobiliária nas “áreas-CURA”, o que fez com que muitos moradores saíssem da região.

A especulação imobiliária processa-se nas áreas-CURA com a mesma intensidade e violência com que vem se processando em todo o espaço urbano de Cuiabá: como não poderia fugir à regra do jogo, a proposta do BNH surgiu inserida na própria ideologia da produção do espaço urbano na sociedade capitalista. A exemplo entrevistamos um proprietário de um terreno que nos disse que antes do asfaltamento do bairro seu terreno não valia 250 mil cruzeiros devido à falta de acesso ao bairro; no momento da pesquisa, este disse que já havia enfeitado 4 milhões de cruzeiros (45x50). Quanto ao aluguel, nessas áreas qualquer casa triplicou o valor do aluguel e toda vez que uma é posta à disposição do aluguel é com o preço alterado, provocando dessa maneira a violência da especulação imobiliária nessas áreas. (Vilarinho Neto, 1983, p. 101).

O alto índice de crescimento urbano de Cuiabá durante a década de 1970 e 1980, associado às obras de infraestrutura na região, exilaram a população de menor renda nas áreas periféricas, seja por meio de conjuntos habitacionais ou ocupações em loteamentos irregulares. A população pobre que permaneceu nessas áreas mais centrais, foi ocupando, ao longo do tempo, as áreas cada vez mais próximas ao Córrego do Gambá, descaracterizando os espaços livres e as APPs.

Na análise dessas áreas, quero me reportar à do Projeto CURA D. Aquino, às margens do Córrego Gambá [...] Durante algum tempo, puderam ser notados postes entortados, luminárias quebradas, árvores arrancadas e assentos dos bancos de concreto arrancados e lançados ao leito do córrego. A areia do campinho de futebol foi totalmente retirada, tendo, ainda, a Prefeitura mandado demolir um muro que estava sendo erguido ao seu redor. Além disso, e aí está a peculiaridade deste CURA, essa área foi invadida e hoje se torna em mais uma das favelas de Cuiabá. As áreas comunitárias de todos os projetos CURA pedem urgência no processo de seus retornos ao uso de toda a comunidade, a sua reintegração à real destinação dos seus espaços [...] (Freire, 1992, p.91).

Na década de 1990, a ocupação, às margens do Córrego do Gambá, consolidou-se sobretudo à montante (áreas onde ainda haviam glebas e lotes não edificadas), entre a Avenida General Mello e a Avenida Fernando Corrêa da Costa, e à jusante, destaca-se a área industrial, próxima ao Rio Cuiabá. Entre 1990 e 2010, nesta região próxima à nascente, foram construídos principalmente condomínios multifamiliares - apartamentos pequenos e quitinetes -, unifamiliares - tipologia de casas/sobrados geminados -, galpões e edifícios empresariais.

Importante ressaltar que no início da década de 1990, iniciava-se a construção de uma sistemática de planejamento urbano de Cuiabá, a partir da Lei Orgânica do Município (Cuiabá, 1990), com a criação do Instituto de Pesquisa e desenvolvimento urbano (IPDU), o Conselho Municipal de Planejamento Urbano (CMDU) e a Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (SMADES), que propunham uma série de ações e projetos a partir de levantamentos e análises considerando as questões ambientais, como a proteção de mananciais e estudo e análise das bacias hidrográficas (Freire, 1992). Apesar desse esforço, a partir da década de 2000, esse sistema de planejamento urbano começou a se desestruturar, ocasionando em ações setoriais e pontuais nas décadas seguintes.

A revisão do Plano Diretor de Cuiabá (Cuiabá, 2007) trouxe uma série de projetos de reestruturação viária, entre eles, a melhoria das interseções entre a Avenida Córrego do Gambá e a Av. João Gomes Sobrinho, Av. Fernando Correa da Costa e Av. General Mello (Figura 04). Esse trecho do Córrego (entre a Av. João Gomes Sobrinho e Av. General Mello), naquele momento, já se encontrava canalizado e com vias pavimentadas nas duas margens - o Plano Diretor propôs, basicamente, melhorar a conexão nos cruzamentos e a continuidade do fluxo da Av. Córrego do Gambá. Novamente, o planejamento urbano trouxe o corpo d'água apenas como um elemento atrelado ao sistema viário - ignorando suas múltiplas dimensões.

Figura 4: Trecho da Av. Córrego do Gambá e as interseções viárias com previsão de intervenção



Fonte: Lei Complementar nº 150 de 29 de janeiro de 2007 - Plano Diretor de Desenvolvimento Estratégico de Cuiabá

Outro marco importante, desse período, foi a criação da Avenida das Torres, como é popularmente conhecida. A obra de infraestrutura viária, que teve seu início em 2007 e conclusão em 2010, era o equipamento projetado para desafogar o fluxo de veículos da Avenida Fernando Corrêa da Costa. As obras viárias e de mobilidade se intensificaram a partir

de 2007, especialmente devido a contemplação do Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014.

A partir desse momento, a paisagem cuiabana esteve à mercê de grandes obras de infraestrutura, principalmente voltadas para a mobilidade e transporte urbano, sabendo que a mesma seria palco de jogos da Copa. Foram realizadas obras de trincheiras, novos viadutos, pontes, abertura de grandes avenidas, parques urbanos e equipamentos públicos (Fraporti, 2015).

Atualmente, os esforços estão voltados para a revisão do Plano Diretor. O Prognóstico e a Minuta de Lei, disponibilizados pela Prefeitura em 2023, não preveem ações para a região do Córrego do Gambá, entretanto existe a proposição de regularização e revitalização de outros dois corpos d'água: o Rio Coxipó e o Córrego do Moinho. Apesar de ambos os documentos apresentarem diretrizes em preocupação com as questões ambientais, de modo geral, os corpos hídricos, novamente, estão submetidos a uma abordagem setorial, focada na questão viária, como a proposição de um terceiro anel viário ao longo do Rio Coxipó (Cuiabá, 2023, p.38).

Na imagem aérea referente à década de 2020, nota-se que praticamente todas as áreas no entorno do Córrego do Gambá estão ocupadas e edificadas, com alguns espaços-livres como a Praça da Nascente, o Campinho do Areão e a Praça do Poção - de modo geral, a vegetação arbórea está concentrada nestas áreas, além da sua foz, onde deságua no Rio Cuiabá.

Ao longo do tempo, o Córrego do Gambá não só perdeu o seu papel de protagonismo na paisagem, como também se tornou algo totalmente descaracterizado de seus usos anteriores às ocupações das margens e as obras de infraestrutura viária e de drenagem. A análise da morfologia urbana mostrou que o Córrego e suas relações hidrossociais foram ignoradas ao longo do planejamento e gestão urbana, seja pela falta de políticas habitacionais que contemplassem a população de menor renda, que ocupou as áreas de margem, seja pelas políticas voltadas às infraestruturas de drenagem e do sistema viário, que trataram o Córrego apenas como um problema ou um elemento secundário.

Atualmente o Córrego é visto como um problema pelos moradores devido às situações recorrentes de enchentes, lixo, odor, animais peçonhentos, etc. Essa problemática foi confirmada através de várias entrevistas feitas durante a visita de campo ao longo do Córrego, e mostraram as mais diversas perspectivas.

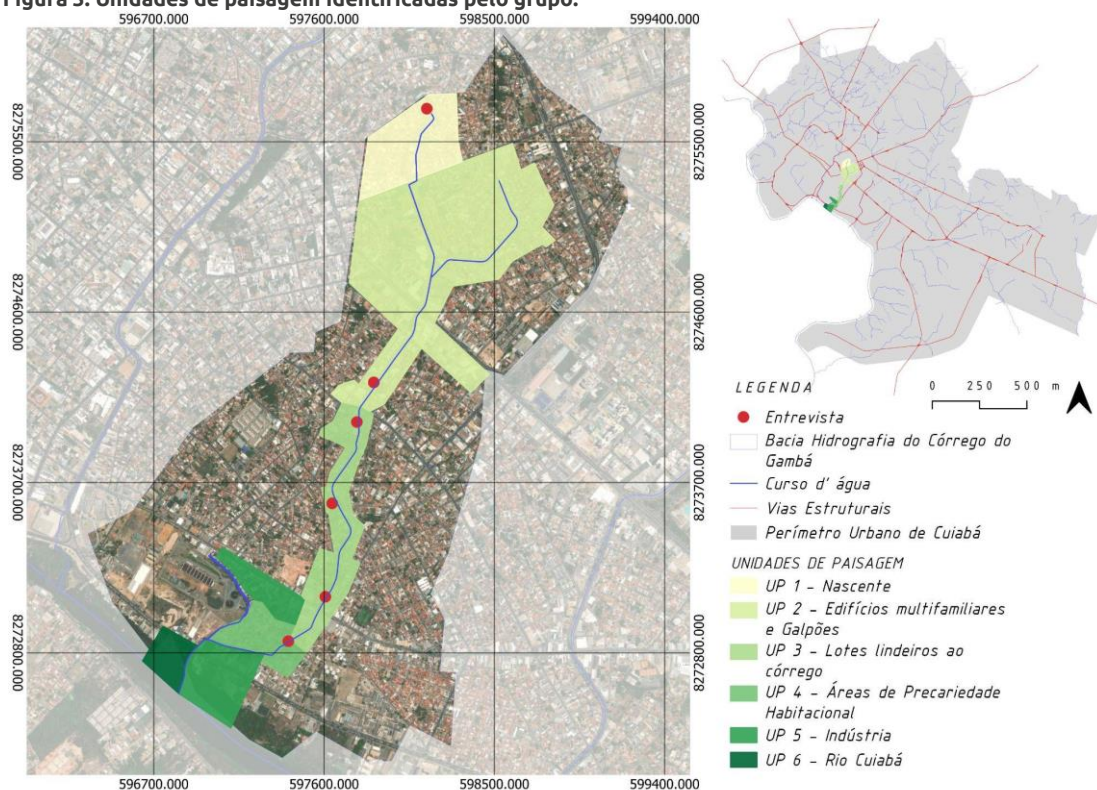
ANÁLISE DA (DES)CARACTERIZAÇÃO DAS UNIDADES DE PAISAGEM DO CÓRREGO DO GAMBÁ

Este trabalho buscou identificar as Unidades de Paisagens (UPs) pelas condicionantes: biofísicas, características do sítio, características de ocupação do solo, tipologia dos edifícios e dos espaços livres, aspectos que envolvem os sentidos (olfativo, visuais), pontos notáveis, histórico de ocupação da área, evidências e aspectos históricos evidentes na paisagem como projetos urbanísticos existentes ou implantados e a percepção ambiental por distintos grupos sociais desse entorno (Sandeville, 2004, p. 5).

Essa identificação foi realizada com o auxílio de imagens aéreas entre as décadas de 1950 a 2020, demonstrada na seção anterior, em que se focou no processo de estruturação do tecido urbano de suas margens (por exemplo, habitação, equipamentos comunitários, áreas verdes, praças). Associada a isso, foi realizada uma observação sistemática em campo ao longo das margens do Córrego Gambá e coletada entrevistas estruturadas com os moradores da região.

Foram identificadas seis UPs nas áreas de margem do Córrego do Gambá. Conforme Figura 05, as UPs identificadas foram: UP 1 - Nascente, UP 2 - Edifícios multifamiliares e Galpões, UP 3 - Lotes lindeiros ao córrego, UP 4 - Áreas de Precariedade Habitacional, UP 5 - Indústria e UP 6 -Rio Cuiabá.

Figura 5: Unidades de paisagem identificadas pelo grupo.



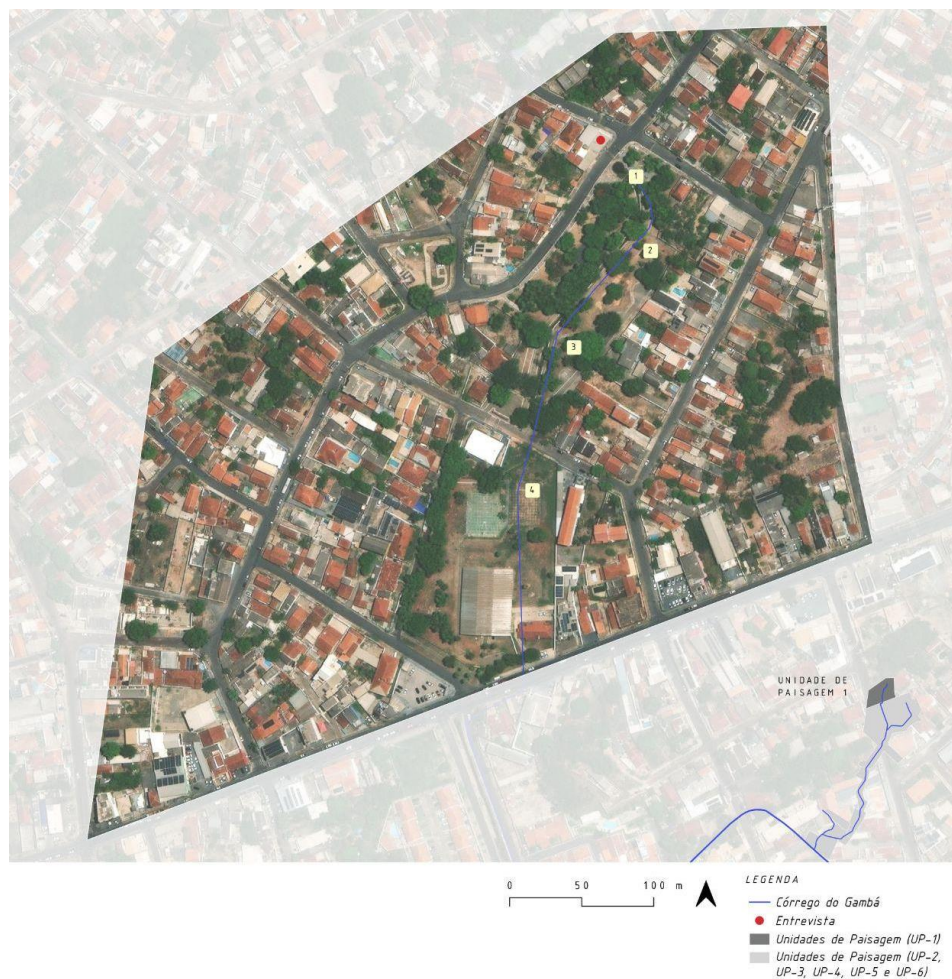
Fonte: Acervo próprio.

Nas UPs, foram analisados espaços com diferentes usos e apropriações, como áreas de recreação, espaços para atividades comunitárias, áreas industriais, espaços residenciais e comerciais, ou associados à religiosidade e práticas tradicionais.

Quanto mais próxima à nascente do Córrego, o uso das áreas lindeiras estão relacionadas ao lazer, tendo sido relatado, durante o campo, que as pessoas ainda buscam água na nascente; já as áreas à jusante, são caracterizadas pela conformação de assentamentos precários e pelo uso industrial. Ao longo do percurso da nascente à sua jusante, observam-se as mudanças nas unidades de paisagem, confirmando a intensificação de degradação que ocorreu ao longo do tempo e pelo risco de inundação.

Em cada UP foi entrevistado pelo menos um(a) morador(a). Nos relatos coletados é possível identificar diferentes percepções sobre o Córrego ao longo do tempo. Os relatos destacam que a canalização do córrego trouxe impactos - positivos e negativos - para a comunidade de seu entorno. Se por um lado, alguns moradores relataram práticas e atividades relacionadas ao Córrego, que se perderam no decorrer dos anos com a sua canalização e poluição, por outro lado, alguns residentes mencionaram a canalização como uma medida necessária.

Figura 6: Unidade de Paisagem 1



Fonte: Acervo próprio/Esri. Intervenção dos autores.

Figura 7: Registros fotográficos da UP 1



Fonte: Acervo próprio.

A Unidade de Paisagem 1 (Nascente), está situada no Bairro da Lixeira - bairro contemplado pelo projeto Projeto CURA - é uma área influenciada pelas características do centro histórico, devido sua proximidade com o mesmo. O traçado viário nesta unidade se destaca por sua malha não ortogonal, o que sugere que a ocupação ocorreu após a consolidação das vias, resultando em lotes de formatos variados.

Na região onde está a nascente do Córrego do Gambá, encontra-se a Praça das Lavadeiras, um espaço livre público de grande relevância. Os lotes ao redor são orientados para esse elemento estruturador, evidenciando sua importância histórica para o bairro, um aspecto posteriormente confirmado em entrevistas com moradores da região. O nome da praça reforça esse vínculo, remetendo ao período em que o Córrego era utilizado para diversas atividades cotidianas, como o fornecimento de água potável, higiene pessoal e tarefas domésticas, especialmente a lavagem de roupas, atividade marcante desempenhada pelas lavadeiras³.

A canalização aberta do córrego, resultado de obras de macrodrenagem do Projeto CURA, é perceptível no percurso. Além disso, observou-se uma considerável ausência de poluição na área, indicando um bom nível de preservação. Outro aspecto relevante foi a abundância de maciços arbóreos, com diversas árvores antigas, como as Lixeiras - essas árvores, além de integrarem a paisagem local, são responsáveis pelo nome do bairro onde a unidade está situada (Bairro Lixeira).

Nas entrevistas, um morador da região ressalta a importância histórica do Córrego, compartilhando relatos que remontam a períodos em que ele era uma fonte vital para a comunidade. O entrevistado descreveu o Córrego como uma parte essencial do bairro, mencionando que, além de ser utilizado para a lavagem de roupas, também servia como abastecimento de água em tempos de escassez.

“Na falta de água, não vai faltar...E o dia que não tiver mesmo a água, é só ir ao poço.”
(Entrevista 01)

Essa conexão histórica foi destacada por outros moradores, que relembram as memórias afetivas relacionadas ao Córrego, evidenciando sua importância cultural no passado para a comunidade. No entanto, surgem divergências de opinião sobre as mudanças no Córrego,

3 Quando Cuiabá era uma vila no século XIX, e devido a sua localização geográfica, circundada por diversos córregos e rios, as mulheres começaram a desenvolver algumas atividades a céu aberto relacionadas com os corpos d'água, como lavar roupa, surgindo as importantes figuras de lavadeiras e suas cantorias do dia a dia (Barreto, 2019)

especialmente após as obras de macrodrenagem. Os moradores mais antigos, que guardam com nostalgia a lembrança de um tempo em que o córrego era um recurso vital, demonstram um forte apego a ele. Por outro lado, os moradores mais recentes não compartilham dessa mesma visão, o que leva os mais antigos a destacarem a falta de compreensão dos novos moradores sobre a importância histórica e cultural do Córrego.

"A memória boa era que as pessoas vinham pegando água, usando [água]] Entendeu? Hoje eu vou falar para você, hoje praticamente ninguém usa. Antes era usado em comunidade. É, todo mundo pegava. Todo mundo chegava lá, usava. Hoje é pouco. Não que não tenha. Tem pessoa que vem de bicicleta, pega duas, três baldes." (Entrevista 01)

A relação entre o córrego, a religiosidade e as tradições locais é outro aspecto significativo. O córrego não se limita a ser uma característica física da paisagem, mas também assume um papel simbólico e cultural, integrado a rituais e práticas religiosas. Isso fica evidente na referência à "Praça da Lavadeira", um ponto central para a comunidade, onde o córrego e as tradições se entrelaçam, reforçando seu valor cultural e espiritual.

"Acho que [quem mais conhece] são mais moradores que são antigos. Ou deve ser uma festa nossa, até contando isso, nós fizemos a nossa festa no sábado. Na sexta-feira, fizemos uma missa. O padre da Guia do Rosário veio. E tem 15 anos que ele mora no bairro. Ele já veio, falar [na festa]." (Entrevista 01)

O morador também relata que, para o Bairro Lixeira, a canalização do córrego é vista como uma medida positiva, sendo entendida como uma forma de preservar o córrego e evitar sua extinção.

"Hoje nós podemos garantir que a água não vai acabar. Entendeu? Nós temos que ter a segurança [...] que é esse [córrego] que está aí [continue existindo]. Nós não podemos nem sonhar em acabar com isso aí. Então [canalização] é muito importante para a comunidade, é muito importante." (Entrevista 01)

Nessa Unidade de Paisagem, foi possível observar o engajamento ativo da comunidade em relação ao Córrego, refletido em diversas ações, como as festividades religiosas e a limpeza periódica da área da nascente. Além disso, destaca-se a conscientização da população mais antiga sobre a importância histórica e cultural do Córrego, que continua a ser um símbolo vital para a identidade local. Com práticas que demonstram o vínculo profundo entre a comunidade e o Córrego, evidenciando não apenas um cuidado ambiental, mas também um resgate das tradições e da memória coletiva.

Observa-se que a relação entre moradores e o Córrego é amplificada a partir da convivência com o mesmo, pela disponibilidade de um espaço público (Praça das Lavadeiras) que remete a identidade e a memória cultural na escala local. Essa conjuntura de aspectos, presentes na conformação morfológica do espaço nas margens livres do corpo d'água e na continuidade das práticas cotidianas que o envolvem, reforçam as conexões e os significados desse trecho.

Figura 8: Unidade de Paisagem 2



Fonte: Acervo próprio/Esri. Intervenção dos autores.

A Unidade de Paisagem 2 (Edifícios Multifamiliares e Galpões), localizada entre os bairros Areão e Poção, revela uma transformação marcante nas tipologias edilícias e no uso dos espaços livres. Essa área se destaca pela transição de um espaço predominantemente residencial para uma ocupação mais fragmentada e heterogênea. A paisagem é dominada por edifícios multifamiliares, galpões de muros cegos, lotes não edificadas e pequenos espaços livres, dispostos de forma desarticulada ao longo do Córrego. Essa transformação reflete o processo de urbanização da região, no qual as antigas ocupações ao redor do Córrego, predominantemente residenciais, deram lugar a galpões comerciais e outras edificações, alterando consideravelmente o uso do solo e a configuração do espaço ao longo dos anos.

Figura 9: Registros fotográficos da UP 2



Fonte: Acervo próprio.

No entanto, nessa Unidade de Paisagem, a canalização do Córrego é aberta e atravessa a área entre duas avenidas principais: a Avenida João Eugênio Gonçalves Pinheiro e a Avenida Desembargador Antônio Quirino de Araújo. Essa configuração torna o Córrego uma barreira física, dificultando a travessia de pedestres de uma margem para a outra.

As únicas opções de travessia são pontes improvisadas de madeira e metal, que conectam as margens do Córrego, mas são insuficientes para promover uma circulação mais integrada e segura. Além disso, um cercado de arame foi instalado ao longo de todo o Córrego, criando uma barreira de segurança que visa evitar o descarte de lixo e proteger as margens, mas que, na mesma medida, também contribui para a sensação de isolamento da área.

No entorno do Córrego, observam-se áreas comunitárias integradas aos espaços livres, como a Praça do Poção, que abriga a Associação de Moradores do Bairro Poção, um campinho de futebol e uma quadra poliesportiva em área adjacente à Escola Municipal de Educação Básica. Essa presença de equipamentos comunitários, aliados ao uso residencial e comercial, segue o padrão de ocupação observado no bairro anterior, o Araés, e reforça a função social e histórica da região.

O acúmulo de lixo ao longo do Córrego, especialmente no trecho à jusante, configura-se como um problema recorrente. Esse lixo é descartado de diversas formas: nas calçadas, que não possuem infraestrutura adequada e obrigam os pedestres a caminhar na rua devido ao bloqueio causado pelas pilhas de lixo; dentro do próprio córrego; e em caçambas espalhadas pela área. O acúmulo é mais evidente no sentido do bairro Dom Aquino, agravado pela falta de coleta e limpeza regulares. Esse cenário também contribui para o aumento do volume de água no córrego, o que intensifica o risco de alagamentos, especialmente durante os períodos de chuva.

Os moradores relatam com frequência a piora das condições do Córrego ao longo dos anos em relação a enchentes, sendo cada vez mais periódicas e intensas. Como compartilhado por um morador.

"[...] nos meus 18, 20 anos, ele [córrego] não era sujo assim. Mas aí acho que agora, ultimamente, se tá enchendo, tá alagando tudo, subindo quase." (Entrevista 02)

É perceptível nos relatos dos moradores mais antigos, que expressam um forte sentimento de perda em relação ao que o Córrego representava para a comunidade. Um morador comentou que, embora o Córrego sempre tenha sido sujo, a situação piorou ao longo do tempo, principalmente pela falta de manutenção e conservação.

"[...] Sempre foi sujo. A falta do cuidado da prefeitura de limpar faz um grande impacto... tá muito sujo e a água sobe mais rápido." (Entrevista 02)

"Atualmente ele [córrego] deixa feio. Mais por conta da sujeira. Destrói um pouco da paisagem por conta da sujeira, né? Tipo, a gente não consegue nem andar na calçada. A gente andava normal e agora... Mas o problema é mais a sujeira mesmo. É mais sujeira. Agora ele limpinho aí... Tá tranquilo. Acho que pelo menos, né, a aparência ia ser outra." (Entrevista 02)

Além disso, observa-se que houve a perda de identidade e memória dos moradores em relação ao Córrego. Um deles recorda atividades passadas, como jogar bola nas margens e menciona que, no passado, o Córrego era utilizado para lavar roupas, e essa atividade foi abandonada, devido às obras de infraestrutura e ao descarte de resíduos no corpo d'água.

"(o córrego) Era usado com esse propósito específico de lavar. Mas, tipo assim, esse daí eu acho que tinha era nos anos 90, que eu acho mais ou menos que foi isso que eles usavam. Desde que eu me lembro, sempre foi sujo [...]" (Entrevista 02)

Há também relatos de que a canalização do Córrego, em vez de trazer os benefícios esperados, resultou em uma perda significativa, tanto na qualidade da água quanto na relação dos moradores com o corpo d'água. A poluição massiva do Córrego, agravada pela falta de manutenção e fiscalização, contribuiu para essa degradação. O abandono dos órgãos responsáveis pela conservação e limpeza intensificou o distanciamento da comunidade que, anteriormente, via o Córrego como um elemento estruturador fundamental para a vida local. A falta de ações para conservar e revitalizar o Córrego transformou-o em um problema ambiental, em vez de um elemento valorizado pela população.

Figura 10: Unidade de Paisagem 3



Fonte: Acervo próprio/Esri. Intervenção dos autores.

A Unidade de Paisagem 3 (Lotes lindeiros ao córrego) é caracterizada principalmente pela tipologia das edificações residenciais, nas quais os fundos ou fachadas das construções são voltados diretamente para o corpo d'água. A Avenida General Mello é um elemento definidor desse espaço, delimitando tanto a Unidade de Paisagem anterior quanto a atual, onde o Córrego é margeado por duas grandes avenidas.

Nesta unidade, muitos moradores antigos ainda preservam memórias de um tempo anterior às intervenções de macrodrenagem, onde era possível realizar atividade de recreação e lazer, nos quais foram perdidas com as transformações que marcaram profundamente o cotidiano da comunidade.

“Tirava o barro pra fazer argila, para fazer tijolo. Tinha muita gente aqui dessa beirada, que mora por ali, que fez isso. Só que muitos já não viram. [...] Eu lembro quando eu tinha pelo menos 13, 14 anos. A gente até, eu e meu irmão mais velho, nós pegávamos

ouro aqui dentro. Não era grande ouro, mas pequeninha, pequena, né?” (Entrevista 04)

Figura 11: Registros fotográficos da UP 3



Fonte: Acervo próprio.

Um dos entrevistados relata o impacto da canalização e como o esgoto doméstico acaba sendo despejado diretamente no Córrego, agravando a poluição e contribuindo para a degradação, além disso, traz sérios problemas de saúde, afetando tanto a qualidade da água quanto a qualidade de vida.

“Era só o mato. Antes de ter o córrego aqui, aqui era só mato. Só mato mesmo. Não tinha casa. Não tinha essa casa aí [do vizinho], não tinha nossa casa. Era só mato. Só mato mesmo [...]”

“Antigamente não tinha [o córrego]. Aqui era só mato. Aí a prefeitura fez o encanamento de todos os esgotos, né? Que caem nos córregos. Aí que foi fazendo já o buraco pra fazer.” (Entrevista 03)

Em relação à canalização do Córrego, surgem críticas, principalmente sobre sua contribuição para a degradação ambiental e social da área. Alguns entrevistados mencionam que a

poluição aumentou após a canalização, enquanto outros lamentam a transformação do Córrego em um esgoto a céu aberto. A percepção de que a canalização trouxe mais problemas do que soluções é reforçada por relatos de inundações frequentes e observações sobre a deterioração da paisagem. Como destaca um dos entrevistados, que a própria comunidade fez muretas ao redor do córrego para conter a água em época de cheias:

"Foi feito [a obra] por conta de água. Porque quando chovia muito a água vinha e entrava lá em casa [...] Agora [depois de fazer a mureta] quando chove, não entra mais [água]. Não entra mais." (Entrevista 03)

À medida que o Córrego se aproxima das edificações, as casas utilizam o córrego como local de descarte, especialmente de esgoto. Além disso, as suas margens são usadas para circulação, com diversas pontes – em sua maioria de concreto – que facilitam a mobilidade de pedestres e veículos. Embora não haja uma padronização clara nas edificações, é notável, neste trecho, o estreitamento entre o limite do Córrego e o lote. À medida que a precariedade do local aumenta, as áreas ao redor da margem diminuem, e a poluição do Córrego se intensifica.

Desse modo, não há uma distinção clara do espaço público, uma vez que o passeio público se mistura com a margem da canalização. Nesse contexto, o desenho das margens do córrego é determinado por duas possibilidades: ou o Córrego delimita o limite das edificações, ou são as edificações que definem os limites do Córrego, sem que haja uma diferenciação evidente entre os espaços públicos e privados.

Dessa forma, existe uma maior quantidade de fachadas voltadas para o Córrego, o que implica em uma maior interação da população com o corpo d'água. Alguns moradores dessa região do Dom Aquino relembram os antigos usos do Córrego, tanto para necessidade quanto para recreação:

"As pessoas mais velhas têm [memórias], né? Porque era lazer, né? Pessoal vinha tomar banho, vinha pescar, lavar roupa. Então, assim, os mais antigos, sim. Os mais novos, não [...] Acho que eles já pegaram nessa situação [de deterioração] que tá aí, né?" (Entrevista 05)

Embora essas atividades não sejam mais possíveis, a memória da relação da população com o Córrego permanece viva, especialmente entre os moradores mais antigos. A percepção sobre essa região revela que, embora os moradores mais antigos ainda preservem lembranças do Córrego antes da canalização, muitos não veem o processo de canalização de forma completamente negativa. No entanto, é evidente que estão insatisfeitos com a atual

situação. Para alguns entrevistados, a ideia de uma obra para cobrir o Córrego não seria considerada algo negativo, pois, na visão deles, seria uma solução para a poluição e outros problemas relacionados.

Uma ruptura nessa Unidade de Paisagem é a presença da Praça Severino Bispo da Silva. As casas na margem direita do córrego estão mais afastadas, e a via se torna o principal elemento estruturador do espaço em vez do Córrego. Na margem esquerda, no entanto, não há pavimentação ou passeio público, o que dificulta a definição clara entre os espaços público e privado.

A praça, recentemente reformada, conta com vegetação paisagística e integra o Córrego do Gambá. Alguns moradores relatam alguns aspectos positivos decorrentes da obra de macrodrenagem no bairro, como a melhoria na infraestrutura urbana e o controle das enchentes, que antes causavam sérios transtornos à população.

“Faz muito tempo que a casa chegou a subir mesmo, até esse nível da rua. Olha, já faz... tem uns... três anos atrás, quatro anos [desde que teve enchente]... Mas chega a vir pra rua... Mas outras vezes já não chegava até por aí, entrava aqui na casa do vizinho” (Entrevista 04)

“[...] as pessoas vinham aqui, né? Lavar roupa e tal. Então acho que no princípio [a canalização] impactou. Depois as pessoas foram se adaptando, porque assim, a canalização do córrego Ela ocorre quando ocorre a urbanização da área, né? [...] vocês já ouviram falar do Projeto Cura. Sim. Então, o Projeto Cura, ele que trouxe todo esse redesenho do bairro, né? Então, essa ideia de melhoria veio com isso, né?” (Entrevista 05)

Em todo o trajeto, é possível perceber a conexão do Córrego com o dia a dia da população. Por meio da entrevista, foi possível perceber uma certa consciência dos moradores em relação às ações individuais e coletivas para o estado de degradação que o Córrego se encontra:

“Olha, ele não tá ajudando nem atrapalhando, né? Mas, assim, visualmente, né? Ele é feio, né? Ficou degradado. Então, assim, é mais um esgoto a céu aberto. [...] O córrego, na verdade, é resultado da ação nossa, né? O estado dele é... Porque as pessoas não têm muita consciência da limpeza, de que é importante limpar, né? Então, as pessoas vem jogam lixo aqui [...]”. (Entrevista 05)

A percepção sobre a região indica que os moradores mais antigos ainda preservam as memórias do Córrego antes da canalização. Embora alguns entrevistados não vejam o processo de canalização como algo totalmente negativo, é evidente que há insatisfação com

a situação atual. Essa falta de consenso também se reflete nas opiniões sobre as soluções de infraestrutura propostas. Enquanto alguns acreditam que a canalização foi uma evolução necessária, outros a enxergam como uma medida insuficiente e mal executada, que não atendeu às reais necessidades da comunidade. Cabe destacar que o desejo de muitos moradores em ver o Córrego tamponado está relacionado aos problemas como doenças e inundações.

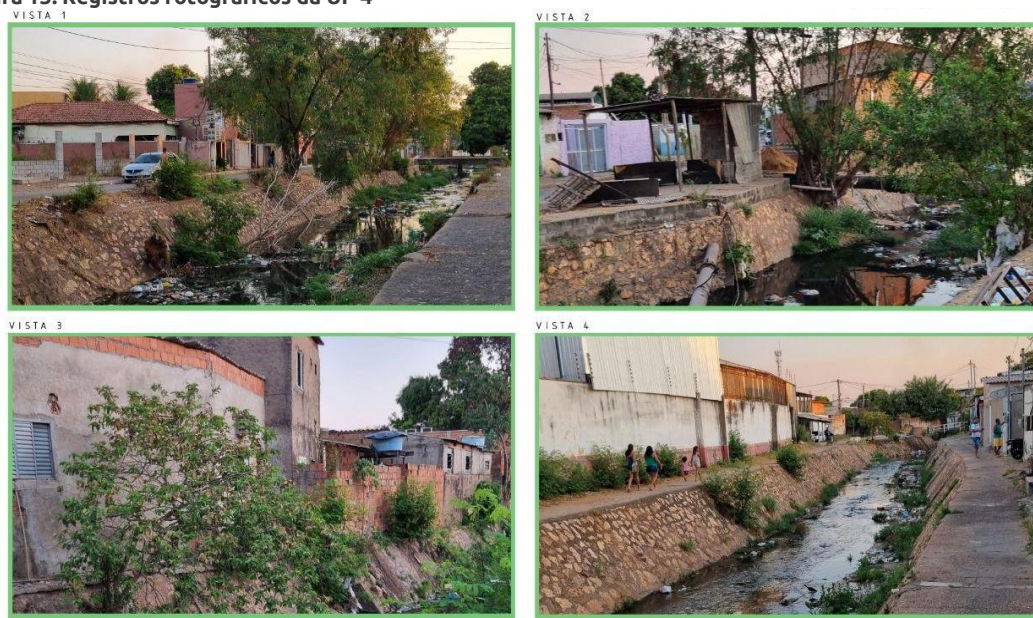
Ao longo do percurso do Córrego é possível inferir que da Unidade de Paisagem 1 a Unidade de Paisagem 3 há uma diminuição no estado de conservação do corpo d'água. Da mesma forma, nesse percurso há uma diminuição do significado do Córrego na identidade da população e em seu cotidiano. Ainda, destaca-se que as áreas livres públicas lindeiras ao Córrego, até o momento, foram relevantes para amplificar dinâmicas com os moradores e também de fortalecer a presença do mesmo na paisagem local.

Figura 12: Unidade de Paisagem 4



Fonte: Acervo próprio/Esri. Intervenção dos autores.

Figura 13: Registros fotográficos da UP 4



Fonte: Acervo próprio.

Na Unidade de Paisagem 4 (Áreas de Precariedade Habitacional), observam-se ocupações informais, auto produzidas pelos moradores nas margens do córrego do Gambá. Essas áreas são altamente suscetíveis à vulnerabilidade socioambiental, caracterizadas por riscos socioambientais.

A maior parte dessa UP está situada à jusante do bairro Dom Aquino, abrangendo o Bairro Terceiro, e é demarcada como ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) II. De acordo com a Lei de Uso e Ocupação do Solo do município, essa área pode ser submetida a estudos para avaliar a viabilidade de sua Regularização Fundiária Urbana, em função de sua classificação como ZEIS com fins de Regularização.

Embora a paisagem atual seja marcada por diversas residências nas margens do Córrego, que descartam resíduos sólidos e águas pluviais diretamente no corpo d'água, a ausência de esgotamento sanitário no bairro agrava a deterioração do Córrego e o acúmulo de lixo nos passeios públicos. No entanto, moradores mais antigos relatam que, nas primeiras ocupações da área, antes das intervenções de infraestrutura, a situação era diferente. Atividades como a pesca faziam parte do cotidiano da comunidade, como um entrevistado recorda:

"Lembro que minha avó contou que eles simplesmente foram construindo e foi, quando o bairro ainda era um brejinho. Sim, esse aqui já foi um córrego limpo. Já chegou a ter vida, teve peixes, lambaris, por alguns anos atrás. Aí até que foi crescendo o bairro, as pessoas foram jogando lixo, os moradores, e virou isso que vocês veem hoje."
(Entrevista 06)

Já nos dias atuais esta região apresenta ocupações irregulares às margens do Córrego do Gambá, com tipologias edilícias de autoconstrução (Canavarros, 2016), e conforme visto em visita in loco, algumas dessas edificações ainda estão em processo de construção, reforma ou ampliação. A falta de um lugar de moradia e a irregularidade das obras, aproxima, cada vez mais, as construções das margens do corpo d'água, encurtando a passagem e gerando conflito de fluxos entre veículos - geralmente motos - e pedestres. Também se observa irregularidades nas obras que conectam um lado ao outro do Córrego, as quais normalmente são realizadas por meio de tubulações construídas e improvisadas pelos moradores como travessia e algumas pontes de pedestre distribuídas ao longo do córrego.

Além disso, é a UP que mais apresenta quantidade de lixo dentro do córrego e em suas imediações. Esta conformação da paisagem foi registrada conforme relato de um morador. De acordo com eles, esse acúmulo é resultado das inundações, dos móveis perdidos pelos próprios moradores da região (descartados indevidamente), e por não ter um local de descarte apropriado.

“Quando as pessoas perdem os móveis, eles deixam aqui perto do córrego ou eles mesmos já jogam direto. Isso daí acarreta em mais lixo.”

“Sim, os moradores reclamam [do lixo], mas quem está mais próximo do córrego são os que mais jogam lixo [...]” (Entrevista 06)

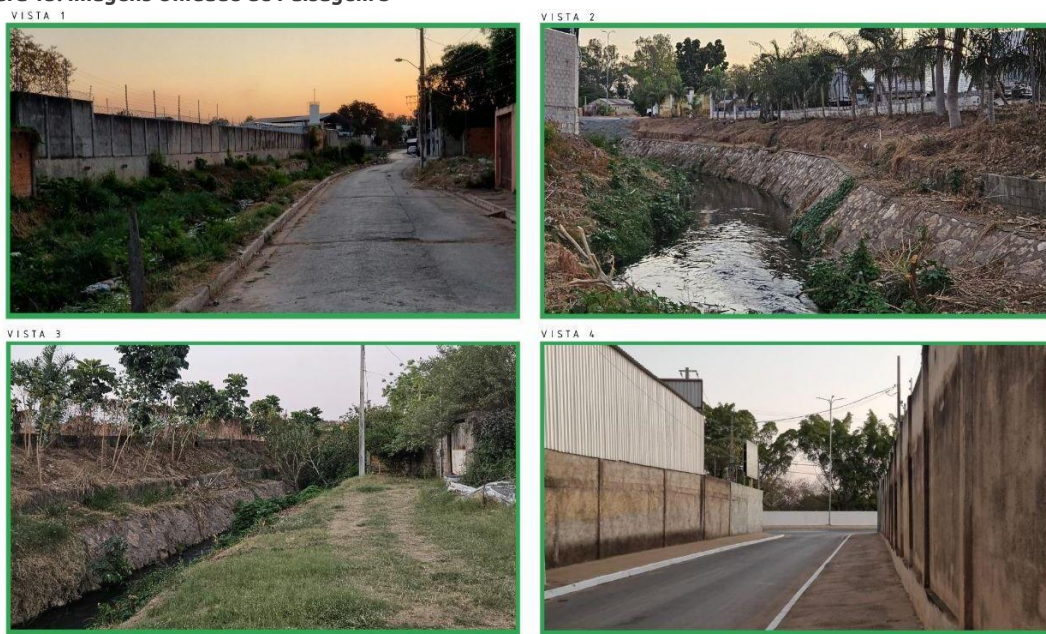
Embora as demais UPs apresentem precariedades ambientais e habitacionais, a UP 4 é a área mais vulnerável e que os relatos de inundações são mais recentes. Dessa forma, trata-se de uma área prioritária de adequações, já previstas no Zoneamento, demarcada como ZEIS II, demandando um processo de regularização fundiária pleno.

Figura 14: Unidade de Paisagem 5



Fonte: Acervo próprio/Esri. Intervenção dos autores.

Figura 15: Imagens Unidade de Paisagem 5



Fonte: Acervo próprio.

Na Unidade de Paisagem 5 (Indústria), destacam-se grandes muros que funcionam como barreiras em relação ao córrego na margem esquerda. Na margem direita, ele é delimitado por uma via local, ao longo da qual estão localizadas diversas residências. Esses muros também se estendem ao longo da Avenida Manoel José de Arruda, conhecida como Avenida Beira Rio Sul, onde se encontram galpões e indústrias. Ao se posicionarem "de costas" para o Córrego, essa configuração morfológica contribui para a sensação de insegurança dos moradores e transeuntes da área. Durante a visita in loco, observou-se que diversas tubulações dessas indústrias despejam resíduos diretamente no corpo d'água, sem o tratamento adequado. Isso agrava a degradação da qualidade da água do Córrego do Gambá e intensifica os impactos ambientais.

A transformação dessa UP em uma área predominantemente industrial ocorreu entre as décadas de 1980 e 1990, coincidindo com a construção da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) nesta região. O atual zoneamento define esta UP como Zona de Uso Múltiplo (ZUM), com parâmetros genéricos, favoreceu-se a consolidação do uso industrial na região, gerando conflito entre os setores industriais e as áreas adjacentes, predominantemente residenciais, resultando em uma falta de identidade para a comunidade. Essa situação reforçou ainda mais a descaracterização do Córrego e provocou uma fragmentação entre as UPs.

Embora não tenha sido possível realizar entrevistas com os moradores, a visível poluição do fluxo de água indicam uma crescente negligência em relação ao Córrego. Essa situação é

evidenciada pela presença de animais peçonhentos e um forte odor, o que sugere que ao invés de ser um elemento valorizado pela comunidade e que contribui para a qualidade de vida local, transformou-se em um foco de contaminação e risco à saúde.

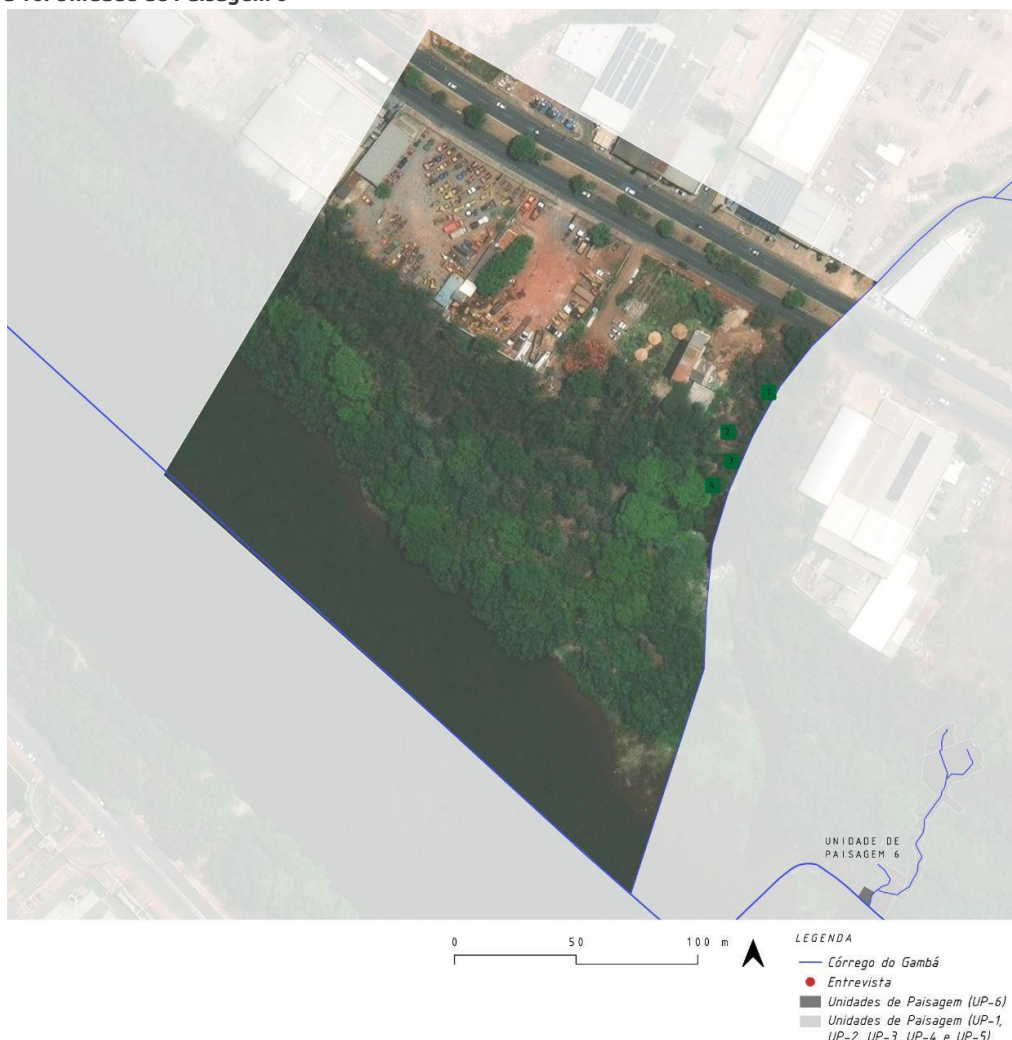
A presença de entulhos, tanto nas margens quanto no leito, dificulta a identificação do corpo d'água. Em comparação com trechos à montante, a grande quantidade de lixo acumulado transformou a área em um esgoto a céu aberto, comprometendo não só a qualidade ambiental, mas também a funcionalidade do Córrego no ecossistema local. O corpo d'água, que antes desempenhava um papel importante, já não exerce as mesmas funções observadas na UP 1.

Destaca-se a área demarcada como ZEIS II, onde se localiza o Bairro São Mateus - uma das áreas mais vulneráveis a problemas de enchentes causadas pelo Córrego. A vulnerabilidade é especialmente agravada pela sua localização na bacia, pois está em uma zona de convergência de afluentes provenientes da ETE e do Bairro Dom Aquino. Os moradores da região vizinha relataram as dificuldades enfrentadas devido às enchentes nessa UP, que comprometem ainda mais a qualidade de vida e a segurança na área:

"e teve alguma inundação recente, você lembra que teve? teve a do ano passado acho que na época de chuva e teve uma em 2021, que eu estava em casa. E estava apenas eu em casa. Acabou alagando. Eu perdi alguns móveis, mas...Minha casa não foi tão atingida. Tem moradores aqui que perdem tudo." (Entrevista 06)

Os conflitos de uso e ocupação nessa UP e a sensação de insegurança condicionam a uma falta de identidade a esta região. Isso contrasta com a valorização inicial que se percebe na UP da nascente, que foi progressivamente perdida, com o agravamento dos problemas sócio-ambientais no sentido do Rio Cuiabá, onde deságua o Córrego do Gambá.

Figura 16: Unidade de Paisagem 6



Fonte: Acervo próprio/Esri. Intervenção dos autores.

A Unidade de Paisagem 6 (Rio Cuiabá), é definida pelo encontro do Córrego do Gambá e o Rio Cuiabá - sendo a sub-bacia do Gambá uma das sete sub-bacias constituintes da Bacia do Rio Cuiabá, que, por sua vez, integra a Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai (Fonsêca, 2012).

Durante o percurso nesta UP, observou-se uma dificuldade de acesso às margens do Córrego, uma vez que os padrões morfológicos locais, caracterizados por lotes privados e edificações do tipo galpão, localizam-se ao longo das margens do Rio Cuiabá. Esses lotes estão situados em APP e numa Zona de Interesse Ambiental 1 (ZIA 1), que em alguns trechos a vegetação nativa foi suprimida pelas edificações, impossibilitando o acesso ao corpo d'água.

Apesar da situação, ainda é possível acessar o Rio Cuiabá por algumas trilhas. Essas trilhas, que passam nos fundos de galpões, embora recônditas, são acessadas por caminhos informais perpendiculares à Avenida Beira Rio. Segundo relatos, essas rotas são frequentemente utilizadas por pescadores.

Atualmente, desde 2023, está vigente um programa chamado de "Minha Rua Asfaltada", que está na etapa de execução, sendo implementado uma travessia subterrânea (*Tunnel Liner*) do córrego do Gambá. Segundo informações da prefeitura, o objetivo dessa intervenção é aumentar a vazão da água e mitigar os alagamentos próximos à Avenida Beira Rio.

Figura 17: Registro fotográficos da UP 6



Fonte: Acervo próprio.

Apesar de algumas intervenções pontuais de infraestrutura com a intenção de resolver esses problemas, observa-se que a falta de uma abordagem multiescalar - levando em consideração as múltiplas escalas da bacia hidrográfica - não contribui significativamente para mitigar os impactos do aumento da vazão no corpo d'água. As dinâmicas da água e a conservação da paisagem exigem uma visão mais ampla e integrada, que contemple não apenas a drenagem, mas também os aspectos ambientais, sociais e urbanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso do Córrego do Gambá foi possível observar distintas Unidades de Paisagem, adjunta à análise morfológica, foi possível compreender como o processo de ocupação e as ações do planejamento urbano modificaram, ao longo do tempo, a paisagem do Córrego e, consequentemente, as relações hidrossociais.

Desde as obras de infraestrutura de saneamento básico e da ligação rodoviária na década de 1950 até os preparativos para a Copa do Mundo de 2014, a cidade de Cuiabá sofreu transformações que, ao privilegiar interesses econômicos, muitas vezes ignoraram as necessidades sociais e ambientais, como o direito de acesso à moradia digna e a preservação

ambiental. A deterioração do Córrego do Gambá é mais um exemplo desses projetos tecnocratas de infraestrutura - drenagem e sistema viário - que ignoraram e apagaram as relações entre sociedade e natureza.

As obras de drenagem, principal justificativa para a canalização do Córrego, trouxeram efeitos desiguais à população. Enquanto os benefícios ficaram mais restritos a algumas áreas, as UPs mais precárias ainda são afetadas por problemas como inundações, poluição do corpo d'água, acúmulo de resíduos sólidos no córrego e suas margens - além de todos os efeitos na saúde decorrentes dessas condições.

É nesse contexto que as transformações do Córrego Gambá, ao ignorar as relações hidrossociais e seus significados para a comunidade, produziram mudanças das atividades de várias ordens, como o desaparecimento das práticas das lavadeiras, da pesca, de lazer, de acesso à água potável, entre outras, relatadas nas entrevistas desta pesquisa.

Os moradores mais antigos, que vivenciaram o Córrego antes da canalização e degradação, têm laços afetivos com o corpo d'água, tais como o exemplo do primeiro entrevistado, que cita a nascente do rio como uma necessidade vital de acesso à água e à higiene. Além das práticas religiosas, ainda nos dias atuais, na Praça das Lavadeiras - o fato dessa área estar relativamente bem preservada, tanto do ponto de vista ambiental, mas também da história e da memória, que geram vínculos e valorização do Córrego pelos moradores.

A fragmentação sócio-espacial também se reflete na diferenciação entre as UPs do Córrego. A percepção do corpo d'água como barreira, as diferentes configurações de malhas urbanas e as diferenças sócio-espaciais, intensificam a perda de unidade e identidade ao longo do percurso do Córrego e definem limites entre as UPs.

A análise sugere que qualquer proposta futura de planejamento urbano, para estas áreas, deve superar a abordagem tecnocrata, pautada em infraestrutura de drenagem e sistema viário. Devem levar em consideração as questões ambientais, regularização fundiária, melhorias habitacionais, assim como o reconhecimento da importância cultural do Córrego para a comunidade, pautada por uma abordagem integrada, democrática e que leve em consideração a paisagem e suas relações hidrossociais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Silvana de. **Planejamento governamental: a SUDECO no "Espaço Mato-Grossense".** Contexto, propósitos e contradições. 2001. 351p. Tese de Doutorado (Doutorado em

Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. doi:10.11606/T.8.2001.tde-28022002-232232. Acesso em: 01 dez. 2024.

ALVES, Amanda. Miguel Sutil – Saturada, avenida “muda cara”. **A Gazeta**. Cuiabá, 10 fev. 2013, p. 1B. Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/pdf/m02a13/g1001c-b.pdf> Acesso em: 29 nov 2024.

ANDRADE, Caroline Simonato Silva; DORES, Eliana Freire Gaspar de Carvalho; FIGUEIREDO, Daniela Maimoni de; LIMA, Eliana Beatriz Nunes Rondon. Qualidade da água na nascente e na foz de córregos urbanos de Cuiabá. *In: **Bacia do Rio Cuiabá: uma abordagem socioambiental***. Daniela Maimoni de Figueiredo; Eliana Freire Gaspar de Carvalho Dore; Zoraidy Marques de Lima (ORGS.) Cuiabá: EdUFMT, 2009. p. 194-298.

ASSUMPÇÃO, André Polly; MARÇAL, Mônica dos Santos. Retificação dos canais fluviais e mudanças geomorfológicas na Planície do Rio Macaé (RJ). **Revista de Geografia (UFPE)**, v. 29, n. 3, 2012.

AZEVEDO, Doriane. **A Rede Urbana Mato-grossense: intervenções políticas e econômicas, ações de planejamento e configurações espaciais**. 2006. 296p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BAPTISTA, Márcio Benedito; CARDOSO, Adriana Sales Rios e cidades: uma longa e sinuosa história... **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 124–153, 2013. DOI:10.35699/2316-770X.2013.2693. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2693>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BARRETO, Neila. **As lavadeiras cuiabanas**. *HNT Notícias*, 2019. Disponível em: <https://www.hnt.com.br/artigos/as-lavadeiras-cuiabanas/122309>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CANAVARROS, Andréa Figueiredo Arruda. **A consolidação de um tipo urbano e arquitetônico de moradia para os pobres: velho modelo, novas periferias no espaço urbano Mato Grossense**. 2016. 432p. Tese de Doutorado – Faculdade de arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa.

CARDOSO, A. C. D., Lima, J. J. F., Ponte, J. P. X., Ventura Neto, R. da S., & Rodrigues, R. M.. (2020). **Morfologia urbana das cidades amazônicas: a experiência do Grupo de Pesquisa Cidades na Amazônia da Universidade Federal do Pará**. *Urbe. Revista Brasileira De Gestão Urbana*, 12, e20190275. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.012.e20190275>

CUIABÁ. **Lei Complementar nº 150, de 29 de janeiro de 2007.** Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Estratégico de Cuiabá e dá Outras Providências.

CUIABÁ. **Lei Orgânica nº 01, de 05 de abril de 1990.** Dispõe sobre a Lei Orgânica do Município de Cuiabá. Cuiabá, MT: DOM MT, 1990.

CUIABÁ. **Revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cuiabá:** Produto 03 Prognóstico. Cuiabá: Prefeitura de Cuiabá, 2023. Disponível em: <http://transparencia.cuiaba.mt.gov.br/portalttransparencia/transparencia/#/planodiretor/fases/produtoIII> Acesso em: 01 dez. 2024.

Empinotti, V. L., Tadeu, N. D., Fragkou, M. C., & Sinisgalli, P. A. de A. (2021). **Desafios de governança da água: conceito de territórios hidrossociais e arranjos institucionais.** Estudos Avançados, 35(102), 177-192. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35102.011>. Acesso em: 01 dez. 2024.

FRAPORTI, Frank Giordany Aquino. **Infraestruturas de transporte público enquanto elementos estruturadores do espaço urbano de Cuiabá-MT.** 2015 Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

FREIRE, Júlio De Lamonica. **Cuiabá Nosso bem coletivo.** Cuiabá: Edições UFMT, 1992.

FREIRE, Júlio De Lamonica. **Por uma poética popular da arquitetura.** Cuiabá: EdUFMT, 1997.

FONSÊCA, Francineide Aguiar da. **Análise ambiental da sub-bacia do Ribeirão do Lipa, em Cuiabá - MT.** 2012, 202p. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia, Cuiabá, 2012.

LIMA, Maria Cecília Pedro Bom de; RAGONHA, Jéssica; SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins. **A paisagem no planejamento e projeto do território. Um breve percurso entre objetividades e subjetividades.** Arqutextos, São Paulo, ano 23, n. 274.04, Vitruvius, mar. 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/23.274/8732>. Acesso em 24 nov. 2023.

LINTON, Jamie; Budds, Jessica. The hydrosocial cycle: defining and mobilizing a relational-dialectical approach to water. **Geoforum**, New York, v.57, p. 170-180, 2014.

PANERAI, Phillipe. **Análise Urbana.** Brasília Editora: Universidade de Brasília, 2006.

Proplasa Projetos e Planejamento LTDA. **Projeto Cura Cuiabá.** Cuiabá: IPDU, 1992.

SANDEVILLE JUNIOR, Euler. **Um roteiro para estudo da paisagem intraurbana (1).** Paisagens em debate nº 2. 2004 Disponível em <https://biosphera21.net.br/E->

ARQUIVOS/PUBLICACOES/2004-Euler-Sandeville-paisagemroteiro.pdf. Acesso em 01 dez. 2024.

VILARINHO NETO, C. S. **A Intervenção do Estado nas Transformações do Espaço Urbano - O Caso Cura em Cuiabá.** Boletim Paulista De Geografia, (65), 93–104, 1983.